

O FIGARINO

R

BIBLIOTHECA
NACIONAL
RIO DE JANEIRO

Revista Humorística e Ilustrada

ANNO 1

Fortaleza, Domingo 9 de junho de 1895

NUM. 6

512-108

BIBLIOTHECA NACIONAL
SLR



Raymundo Affonso de Carvalho

Commandante do Batalhão de Segurança de Manaus

Expediente

Acceita-se assignaturas, sendo :
Capital (um trimestre) . . . 2\$000
Interior e exterior . . . 2\$500
Numero avulso . . . 100 reis

O FIGARINO

Fortaleza, 9 de Junho de 1895.

Affonso de Carvalho

Desde o momento em que no extremo norte da Republica, ateam-se os horrores da lucta fracticida, lucta politica e devastadora, grato é para nós, registrar em nossa pagina de honra o nome e o retracto de Raymundo Affonso de Carvalho. cearense de um coração de ciro e sentimentos altruistas !

A inundação do Aracaty, esta calamidade horrivel que roubou o pão de muitos homens de trabalho e a prosperidade de muitas familias, reduzindo-as a extrema pobreza, —teve echo n'aquelle coração de patriota abuegado, pelo que se torna merecedor de nossas palmas e flores !

Nunca ouvimos fallar em subscrição aberta no Amazonas que servisse para o nosso torrão natal.

Sempre o Ceará tem sido espinha de garganta para os figurões cosmopolitas dos Estados da borraça, e este passo que deu o nosso conterraneo, cujo nome vai traçado em uma pyramide de luz, foi como uma nota que destoou do concerto tiberino e ferrenho de um Nero quixotesco e de uma farça governamental !

Raymundo Affonso, foi o primeiro que, atravez do soluço das ondas e dos murmurios queixosos das cascatas do rio Negro, sentio as pulsações doridas das creanças innocentes, estes faisões doirados, estas aves implumes, esta pequenada irmã que estirava para este céu longinquo e implacavel as pequeninas e morenas mãos !

A seos olhos pouco affeitos as exterioridades dos Grandes, cahiram luzes azues de um quadro dolente, como as notas finas das harpas-eólicas dos anjos da caridade.

E' que o nosso conterraneo lembrou-se de seu passado pobre e modesto, que o tornou tão glorioso como o futuro, onde está o Pantheon aberto, com o nosso concurso e com a gratidão nacional, diadema brilhante do paiz inteiro.



CHRONIQUETA

Estamos em pleno Junho !
Por conseguinte eis-nos no mez do alud, das fogueiras, das sortes e das comadrinhas.

Por certo.

Quanta coisa boa junta, e d'uma pitada.

Ah ! se os annos fossem compostos somente de Junhos !... Não haveria um justo que se lembrasse da morte, e por conseguinte — do reino do céu, lá onde se passa á *maná* (sem sene) e outros manjares celestiaes.

Nem por sonho.

Por fallar em morte... Dão-me as alviçasas ?

— Não, se morre mais !

Um medico americano acaba de descobrir o *microbio da morte* !

« Oh ! caso grande, estranho e não cuidado ! »

D'esta vez D. Morte tem de pagar o novo e o velho e a humanidade ficará n'uma *ponha bruta*.

« Le monde marche. »

Foi se Maio.

Quantas saudades ! Quantas !... Principalment nos corações das piás devotinhas do Mez Mariano, aquellas que palmejavam boas distancias atraz d'uma novena !...

Nem é bom lembrar, para não magoar aquellas pombas-rôlas e fazel-as derramar saudosas lagrimas.

Passemos adiante.

Nada ! Voltemos ao Maio, pois assim é preciso.

Com licença.

Este anno, em poucas casas não houveram novenas ; e em quasi todas ellas teve coroação da Santa Virgem.

— Justa homenagem a Mae de Deus ! dirão os leitores.

— Nada d'isto ! dizem os outros, e com muita razão.

As taes coroações terminavam sempre em tocatas de violão e cantatas de modinhas, *egoelando-se cada devoto ou devota por sua vez, mesmo na presença da Santa Virgem*.

Ainda mais : havia alud e piru...

P'ra variar.

Passemos ás festas profanas.
Foram ao Passeio ?

Pudera não !... É principalmente agora que temos a banda de musica do 2.º para apreciar.

Estivemos lá no domingo. Gente como antão em Caratype atraz das curimatás e cangalys.

Alli vê-se desde a moça mais rica da Capital 'té a fabrica louça no Coccó ou vende sal. Ve-se o rapaz elegante assentado não distante do typo que varre rua ; o homem probo e honrado, do general ao soldado, 'te o ladrao — sem gazua !

Muito bom o Passeio.

O povo que lê e o que escuta anda sobressaltado com a questão do *Amazpa*, onde as guerras querem entrar. Com muita razão.

Lucta no Sul, ensaios d'ella no Norte — *non gud*.

Sia coisa engrossar — estamos mas é *favados*. Não ha ante microbio de medico americano que sirva, porque contra *pitomba* (ball) só ha um remedio : é não apauhar a em chio.

Não sendo assim — qualquer vivente é defunto.

Está visto.

Segundo as folhas dos jornaes, como diz certo barbeiro, brevemente os *bonds* farão sua trajectoria pelas regiões oiteirinas, indo da Praça da Sé a Benjamin Constant.

Muito bem.

Mas em bem dos intestinos humanos pedimos ao Dr. Teberge que não mande para a futura linha oiteirana aquellas «bonds» puladores, que não convidam a um passeio por aquelle bairro.

Aquillo é uma lastima ; e faz mais aos passageiros.

Lemos nos diarios da Capital a curiosa noticia do apparecimento de um typo vindo do Amazonas — que se intitula *imperador do Brazil* e que surgiu lá pela Alfandega cobrando os seus vencimentos, n'aquelle augusto caracter.

Uns dizem ser elle um pobre idiota, outros, porém, chamam-lhe de esportelhaço, que quer passar vidoca sem trabalhar.

Seja isto ou aquillo, o que não deixa de ser pandego é que o *cujo* quer diubheiro, que é com que se comprem os melões.

Mas não colla, porque nos cofres federaes só ha *verva* «para o frado e quem o sabe».

E viva a Republica !

Alta novidade!

Os vendedores de nosso jornal tem sido abodegados com pedidos de assignaturas do mesmo.

De principio haviamos resolvido dispensar taes favores, não só por causa do dispendio com distribuidor e cobrador, com por causa dos — calotes...

Mas, como querem... vá lá.

Vamos tratar d'isso, escolhendo em primeiro lugar um bom distribuidor e melhor cobrador.

Depois conversaremos.

Ponto final.

Antonio Nico.

LA GLACE ELEGANTE

O CASAMENTO

O casamento é um laço seductor,
Planta aureolada e rescendente,
Sempre nova, perfumada e attrahente,
Verdugo do peito, a morte do amor!

Fidanzza

LAPIS TRAVÉSSO

AQUELLA QUE AMO

(Musa nefelibata)

Virgem tepitoclita, bolente,
terpotica, clapica, gorotica,
aperlatica, burlica, pnaotica,
sadia, tulumica, dolente.

Em teu cabello frutico, zolente,
sarbatico, celico, meo peito-
zungobatico, tibunguico me ageito,
calderambico, topico, tendente.

Quem me dera zurroticadamente
viver na tua testa, qual mutuca,
ferroando-te de amor eternamente.

Oh! quando te vejo tímica a cantar,
badalambica, esthética, arapúca,
Jesus! tenho vontades de chorar.

K. Louro.

A TROTE LARGO

Não sei se os leitores sabem
que tenho um fraco comigo:
— embora os mundos desabem,
fallo tanto que é castigo. —
Me chamem de taqarella,
de lingua de tiramella,
mesmo até de Satauz!

Não uzo é na vida alheia
de rijo metter a peia,
como muita gente faz.

Com o povinho cá do rancho
fui no domingo ao Passeio,
e faceiro, tudo alicho,
metti-me n'aquelle meio.
Que cousa boa, leitores,
pra produzir bons humores,
é o Passeio ao Domingo!
E' melhor do que cangica
feita pela tia Xica...
Melhor que tudo!... «Destingo»!

Encontrei alli o Zé,
amigo do coração,
que lá de Baturité
voltava bem zangado;
e me disse: «sabes tu?
«da Guayuba p'ro Babú
«houve o diabo na lhuha:
«a machina desengatou-se
«dos vagons e se plantou-se
«de trilho a fóra, sosinho.»

Foi serio o que o Zé narrou.
Da Guayuba p'ro Babú
a machina desembestou
e houve seu bonito angú.
Esta nossa ferro-via,
cada hora, cada dia,
vae de sorte piorando!...
As pontes—destioradas,
as machinas—todas fávadas
e o mais se destuorando...

Em dias d'esta semana
fui a praia passeiar.
E' melhor do que tisana,
um passeio a beira mar.
Encontrei o Xico Braga,
que fallou-me sobre a draga
do modo mais lisongeiro,
dizendo—que a coisa feia
em vez de chupar areia
só chupa bem é dinheiro!

Kara kala.

MINHA HISTORIA

Tudo já fui n'este mundo—é serio,
não é mangaça: fui actor, fui dele-
gado, fui juiz de paz da roça.

Fui heroe de pic nic, pescador d'a-
guas sombrias, partidario das nava-
lhas e outras sensaborias.

Hoje o que sou? Ignoro. Na mente
já tenho um véo. Não sei já nem on-
de moro... Minha casa é meu chapéo.

Tenho a cara de porrista, pence-
nez nefelibata, idéas de Mascárrille,
quando vejo um magnata.

Quando a gente está quebrado e

tem pouco o que pensar, o que pri-
meiro se lembra—é arranjar noiva
e casar.

11

Foi o que fiz. Andei. Andei n'essas
ruas compridas... Ninguém me quiz
nem de graça. Oh! que moças des-
lambidas!

Um dia fui ver a prima. Em rifa
logo fallou. Não tive um vintem pra
rifa, e o namorico fadou.

Continuei. Um dia, agarrei uma
devotinha. Declarei-lhe amor e então
ella ficou cahidinha

111

Estou casado. Nem um chiz. Al-
moço—amor; jantar—sorriso: ceia
—beijos. E' ser feliz.

K. Louro.

De miinho se faz cangica,
Se faz cus cus e pamonha.
Para mim não tem valor
A pessoa sem vergonha.

Santo Antonio lá de casa
Foi feito mesmo em S. Bento.
Quem nunca teve vergonha
Não pode ter sentimento.

Kara-kala.

Noticiareto

O FIGARINO

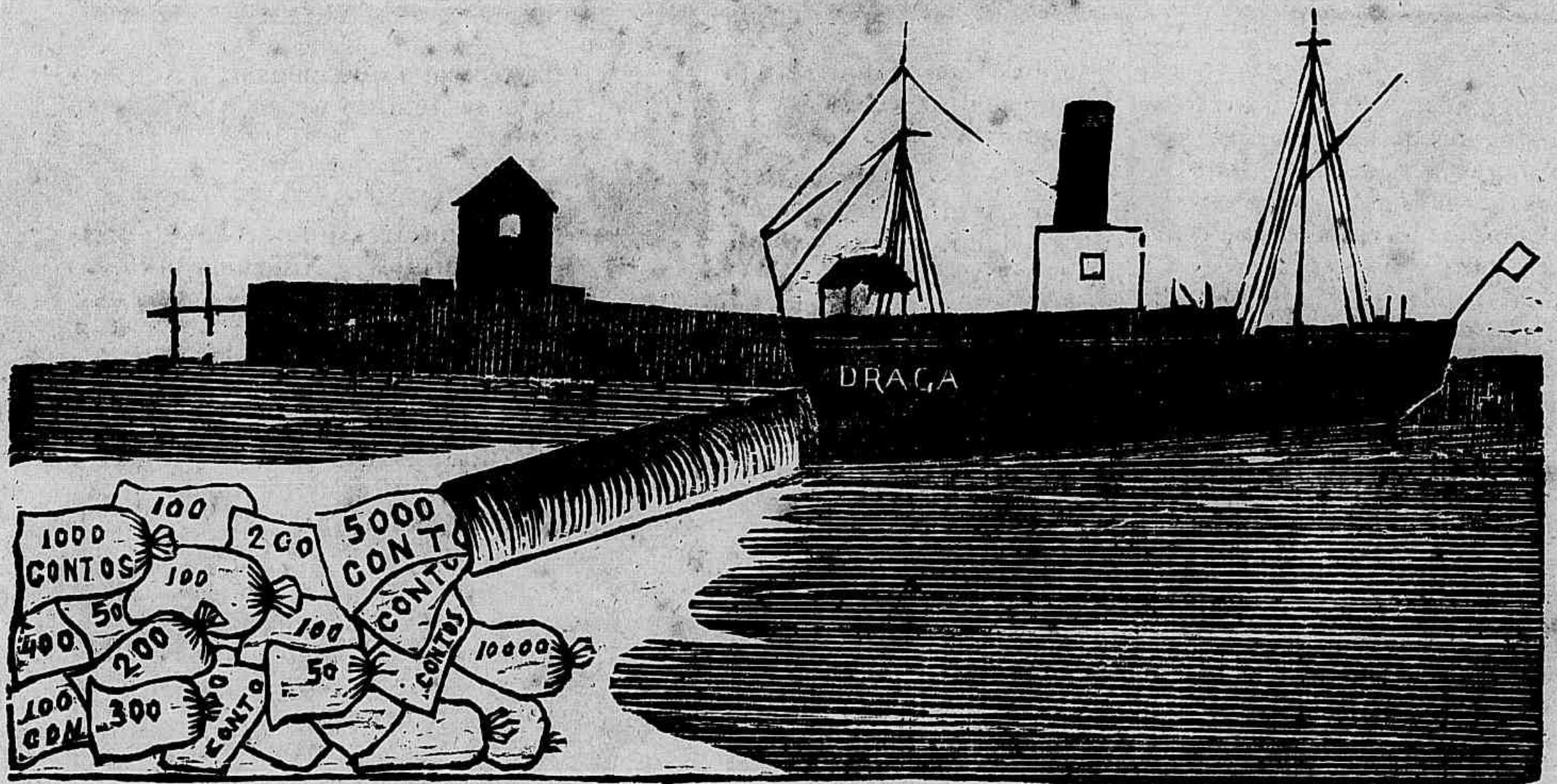
Do Nortista:

Com este titulo recebemos um no-
vo jornal illustrado que acaba de pu-
blica-se na capital do Ceará. Traz em
sua primeira pagina o retrato do ge-
neral Oscar, commandante do 3.º dis-
tricto militar.

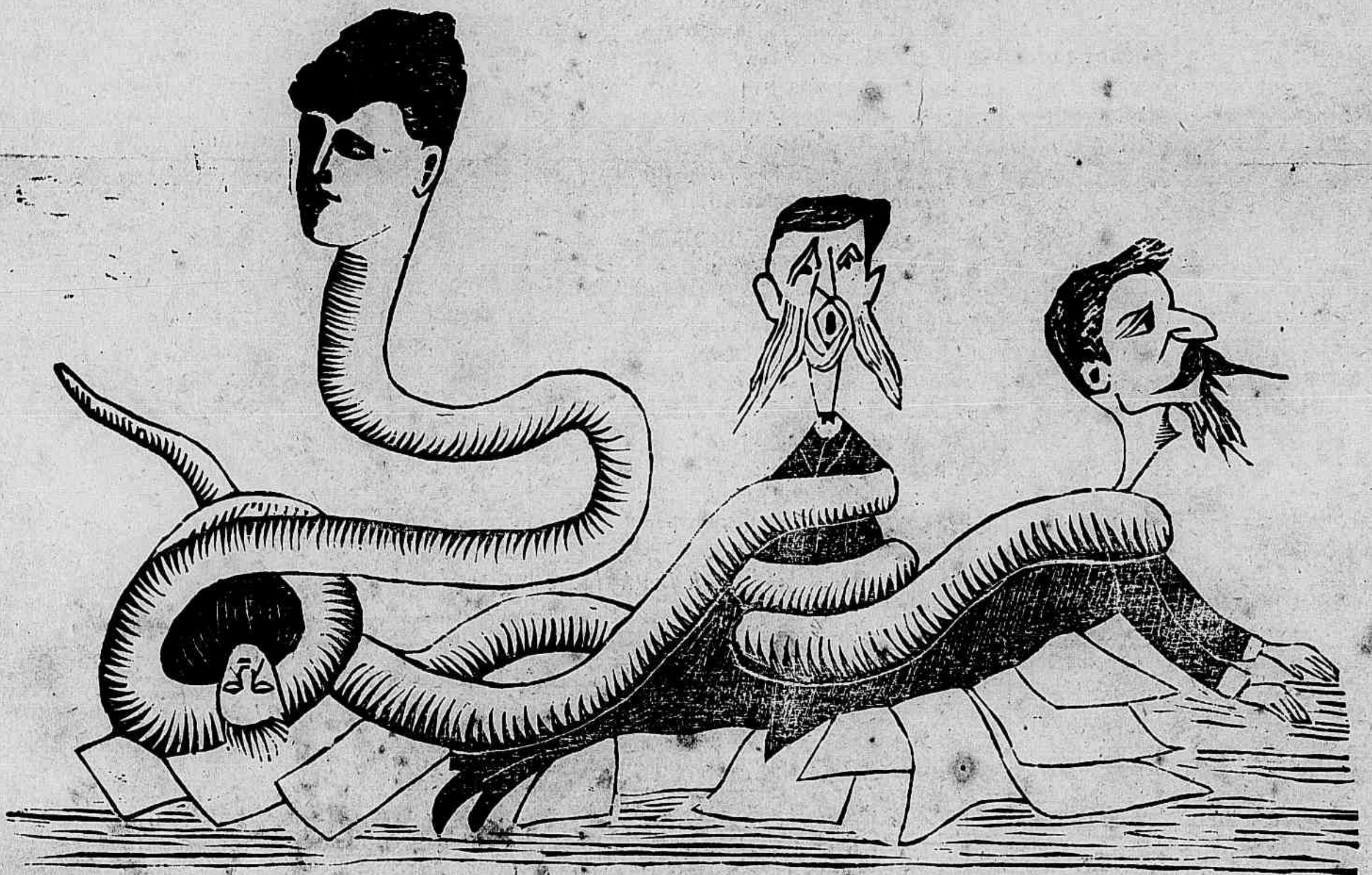
«Não é fino o trabalho da estam-
pa, mas é ridigido com talento jor-
nalistico.

«Agradecemos a visita.»

Da mesma forma.



A «Ceara Harbour Company» favou nos o porto.
 A sua «draga» ou droga tem goella bastante comprida para melhor sorver dinheiro do que areia!
 Ceara' caipora!...



Loteria!... Eil-a justamente como pensamos!... Uma serpente enorme, com cara de moça bonita, para
 melhor seduzir a pobre humanidade, que diariamente lhe cae no laço.